

A situação de jovens discriminados e a falta de Políticas Públicas, e o acesso à educação pública

“Temos só um jeito de nascer e muitos de morrer”

Carolina Maria de Jesus

Apresentação

O objetivo desse artigo é compartilhar um pouco da minha trajetória de vida, muito parecida com a vida de milhares de jovens negras, empobrecidas e moradoras de favela do Rio de Janeiro, que resistem dia a dia na luta por igualdade, respeito e oportunidades iguais, num contexto nacional extremamente desfavorável a garantia de direitos e marcados por violências, discriminação e preconceito.

Colocar no papel um pouco da minha história de vida é um grande desafio, porque ao mesmo tempo em que traz à tona muitos sentimentos e memórias de dor e sofrimento, me conectam com lembranças de solidariedade, alegrias e esperanças que me motivam a continuar seguindo em frente.

Um pouco da minha história

Meu nome é Suanny Martins, 26 anos, nasci no Rio de Janeiro no ano de 1991, vivo desde que nasci na favela de Acari zona norte do município do Rio de Janeiro, junto com minha mãe e meus irmãos Samyra (23 anos) e Calleus (18 anos). Quis o destino que eu não tivesse a oportunidade de conhecer meu pai, assassinado brutalmente pelo chefe do tráfico de drogas da comunidade quando eu ainda estava na barriga da minha mãe.

A favela de Acari ocupa uma triste posição de 124^a lugar no Índice de Desenvolvimento Humano e o 153^a no Índice de Desenvolvimento Social¹ agravada por uma rotina marcada pelo abandono do poder público e da violência do tráfico de drogas e da policial².

Com constantes operações policiais em Acari e comunidades próximas quem acaba sofrendo com isso são os moradores, pois afeta a rotina de todos: crianças e

¹ http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2394_%C3%8Dndice%20de%20Desenvolvimento%20Social_IDS.pdf

² A violência policial em Acari por policiais do 41^a Batalhão da Polícia Militar foi denunciada pela Vereadora Marielle Franco antes do seu trágico assassinato. <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/A-rotina-de-violencia-policial-em-Acari-denunciada-por-Marielle>

adolescentes ficam sem poder ir a escola, as aulas são suspensas frequentemente, alunos de 46 escolas das áreas perderam um terço do ano letivo, no total foram 64 dias sem aula no ano passado, prejudicando ainda mais o ensino das escolas públicas que já não possuem de ensino de qualidade³.

Desde a infância, a partir dos meus 07 (sete) anos de idade, estive sempre incluída em projetos sociais comunitários, o primeiro projeto que participei foi através da Pastoral do Menor da Arquidiocese do Rio de Janeiro, onde funcionava uma espécie de escolinha, em uma Igreja Católica dentro da comunidade de Acari. Este projeto oferecia atividades esportivas, reforço escolar e aulas de capoeira. Era um ambiente completamente voltado ao ensino, nos apresentando sempre algo novo e diferente da realidade do tráfico de drogas ao nosso redor, onde as crianças eram expostas desde a infância a uma cultura nada saudável e com muita vulnerabilidade. Mas graças ao projeto, não somente eu, mas diversas outras crianças tiveram sua realidade ampliada e elevaram suas expectativas com novas perspectivas. Esse projeto foi fundamental na minha formação hoje como indivíduo e como cidadã.

Alguns anos depois, quando completei 14 (quatorze) anos, ingressei no PRCC (Programa Rio Criança Cidadã), outro projeto social apoiado pela Pastoral do Menor, uma continuidade do projeto anterior, e que ainda hoje existe com sua estrutura implantada e funcionando dentro dos quartéis do Exército Brasileiro. Na época tive a oportunidade de participar quando ainda era adolescente juntamente com outras meninas da minha comunidade. Este projeto também desenvolvia atividades voltadas para o ensino, o que ajudava na definição de nosso futuro profissional.

O projeto disponibilizava um salão de beleza, onde eram oferecidas aulas de corte, pintura e hidratação capilar, manicure e pedicure, o curso também oferecia aulas de artesanato, atividades esportivas, reforço escolar e aulas de panificação. O curso de panificação era realizado na padaria que ficava situado dentro do quartel.

Com o PRCC e com a Pastoral do Menor, aprendi a ter disciplina e fui estimulada a crescer, nele tive a chance de conhecer diversas pessoas que foram fundamentais para minha formação, tanto profissional, quanto pessoal. Os projetos que tive a oportunidade de participar foram primordiais para o desenvolvimento do meu caráter, e pelo meu crescimento como ser humano.

As alunas que tinham interesse quando completavam 16 (dezesesseis) anos eram encaminhadas para o curso de auxiliar em saúde bucal que era certificado pela Odonto Clínica Central do Exército, no Centro do Rio de Janeiro, e as outras alunas que não se interessavam pelo curso eram encaminhadas para uma oportunidade de emprego. Esse foi o meu caso, com essa oportunidade consegui o meu primeiro emprego de carteira assinada.

³ Quase metade das escolas e creches públicas do Rio tiveram tiroteios no entorno, segundo levantamento.

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/tiroteios-no-rio-aconteceram-no-entorno-de-quase-metade-das-escolas-e-creches-publicas.ghtml>

Na Rio luz – companhia municipal de energia e iluminação, meu primeiro emprego, desenvolvi o senso de responsabilidade, e com o que eu recebia de salário conseguia contribuir com as despesas de casa. Ao completar 18 (dezoito) anos o meu contrato foi finalizado, mas na sequência comecei um outro trabalho como jovem aprendiz em um supermercado, onde trabalhei por quase 03 (três) anos.

Logo depois tive a oportunidade de ser contratada pelo Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDECA RJ), associação sem fins lucrativos voltada para a área de Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes, parceira da Pastoral do Menor em algumas atividades onde atuam em conjunto.

Este novo trabalho começou a despertar em mim uma visão mais crítica sobre violações de direitos humanos e direitos de cidadania, questões essas que para mim eram desconhecidas, problemas que envolvem nossa sociedade, como violações de direitos, exploração sexual de crianças e adolescentes, e outras temas voltadas a área de direitos humanos de crianças e adolescentes.

Eu passei muito tempo sem saber direito o que era discriminação, nunca passou pela minha cabeça que eu várias vezes em minha vida possa ter sofrido algum tipo de discriminação, por ser uma jovem negra, morada de uma comunidade pobre e violenta, onde residem jovens que sofrem todas as formas de preconceito e discriminação pela sociedade por serem jovens negros, pobres e moradores de favela.

O CEDECA está me dando a oportunidade de aprender, fui contratada para exercer a função de auxiliar administrativo, onde tenho contato com profissionais de diversas áreas (advogado, assistente social, psicólogo, educador social, contador) o que fortalece a minha base de conhecimento.

Em 2016, dei início ao curso de Serviço Social na faculdade privada Centro Universitário Augusto Motta, com bolsa de estudos da própria faculdade e com o apoio da Sint Martinus da Holanda, que me oferecem suporte financeiro para estudar, instituições que acreditaram no meu potencial a quem sou muito grata.

Tenho clareza que para chegar onde cheguei não dependeu só do meu potencial, mérito, esforço ou desempenho pessoal, porque se fosse assim muitos dos meus amigos com grande potencial, mas que enfrentam obstáculos sociais e econômicos imensos estariam também na faculdade ou inseridos numa boa posição no mercado de trabalho.

A política de inclusão de jovens empobrecidos na universidade públicas a partir principalmente do governo Lula, tem demonstrado um resultado muito positivo de estudantes cotistas ou bolsistas com desempenho acima ou igual a dos demais estudantes⁴.

Contrariando todas as estatísticas sigo minha luta diária pela sobrevivência, resistindo para me manter de pé diante das dificuldades, tentando fazer o melhor no meu trabalho e estudos, com o apoio e incentivos da minha família, amigos e da solidariedade internacional dos amigos da Sint Martinus, tenho uma utopia e a persigo diariamente como no lembra Eduardo Galeano “a utopia está lá no horizonte. Me

⁴ Estudo da Folha aponta que estudantes cotistas têm bom desempenho na universidade <https://www.revistaforum.com.br/estudo-da-folha-aponta-que-estudantes-cotistas-tem-bom-desempenho-na-universidade/>

aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”.